

Metamorfoses entre obrigações e medos: um ensaio etnográfico sobre experiências socioespaciais de moradores de comunidades rurais da região metropolitana de São Luís (MA)

Luzinele Everton de Alcobaça¹
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Neste texto pretendo expor algumas notas de campo acerca de minha pesquisa de doutorado em andamento em quatro pequenas comunidades consideradas rurais da região metropolitana de São Luís (MA). Tento levantar considerações sobre aspectos que têm se destacado na pesquisa, podendo conduzir aos principais eixos de análise no processo de construção futura da tese. Maracanã, Alegria, Vila Mochel e Quilômetro 21 são comunidades impactadas das mais diferentes formas pelas recentes implementações de residenciais do Programa Minha Casa Minha Vida. Os moradores estabelecidos a longo tempo nessas comunidades desenvolveram um modo de vida onde as relações com seus antepassados, santos e “encantados” envolvem cadeias de “obrigações” e um sentido de “tradição”, expressas em práticas festivas. O contato com a violência via política de Estado, impondo padrões habitacionais com características socioambientais agressivas e o contato com a violência via tráfico de drogas vêm produzindo uma complexa sociabilidade entremeada por medos distintos nessa região.

Palavras-chave: região de Maracanã; Programa Minha Casa Minha Vida; medo; obrigação; tradição.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (SP). Possui mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão.

Metamorphoses between obligations and fears: an ethnographic essay on socio-spatial experiences of residents of rural communities in the metropolitan region of São Luís (MA)

Abstract: In this present research, I intend to expose some field notes about my doctorate research in progress in four small communities considered rural in the metropolitan region of São Luís / MA. I try to raise considerations about aspects that have stood out in the work, which may lead to the main axes of analysis in the future process construction of the thesis. Maracaná, Alegria, Vila Mochel and Quilômetro 21 are communities impacted in many different ways by the recent residential implementations of the Minha Casa Minha Vida Program. Residents established for a long time in these communities have developed a way of life where relations with their ancestors, saints and “enchanted” ones involve chains of “obligations” and a sense of “tradition”, expressed in festive practices. Contact with violence via the state policy, imposing housing standards with aggressive socioenvironmental characteristics and contact with violence via drug trafficking have been producing a complex sociability interspersed with distinct fears in this region.

Keywords: Maracaná region; Minha Casa Minha Vida Program; fear; obligation; tradition.

Metamorfosis entre obligaciones y miedos: un ensayo etnográfico sobre experiencias socioespaciales de habitantes de comunidades rurales de la región metropolitana de São Luís (MA)

Resumen: En este texto pretendo exponer algunas notas de campo acerca de mi investigación de doctorado (en curso) en cuatro pequeñas comunidades consideradas rurales, de la región metropolitana de São Luís, MA. Intento plantear consideraciones sobre aspectos que se han destacado en la investigación, logrando conducir a los principales ejes de análisis en el proceso de futura construcción de la tesis. Maracaná, Alegria, Vila Mochel y Quilômetro 21, son comunidades afectadas de diversas formas por implementaciones residenciales recientes del “Programa Minha Casa Minha Vida”. Los habitantes establecidos desde hace muchos años en las comunidades desarrollaron un modo de vida donde las relaciones con sus antepasados, santos y “encantados” envuelven cadenas de “obligaciones” y un sentido de “tradición”, expresadas en prácticas festivas. El contacto con la violencia por medio de la política de Estado, imponiendo estándares habitacionales con características socioambientales agresivas y el contacto con la violencia vía tráfico de drogas, viene produciendo una compleja sociabilidad intercalada con distintos miedos en esta región.

Palabras clave: región de Maracaná; Programa Minha Casa Minha Vida; miedo; obligación; tradición.

Neste texto pretendo exprimir algumas notas de campo acerca de minha pesquisa de doutorado em andamento em 4 pequenas comunidades consideradas rurais da região metropolitana de São Luís/MA. Como não tenho a pretensão de amarrar neste texto um posicionamento analítico em virtude da recente estadia no campo, apenas apontarei alguns aspectos que têm se sobressaído quanto ao objeto de estudo, que se refere a dinâmica do habitar ao longo de processos tanto sociopolíticos locais quanto aqueles macrosociais. Maracanã, Alegria, Vila Mochel e Quilômetro 21 compõem o campo do meu estudo.

As comunidades em questão, como são referidas por seus moradores, estão situadas nas proximidades da BR-135/MA e do Distrito Industrial, dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA do Maracanã). O povoamento da primeira tem origem em 1835. A região possui flora e fauna diversificadas, alimentada por vários cursos d'água como córregos e pequenos rios que entrecortam uma importante vegetação onde se sobressaem os juçarais. Todavia, o processo de expansão urbana com a implementação de programas de habitação nas porções e nos interstícios do município de São Luís atualmente acirrou a sua degradação como vem acontecendo com as demais.

Durante os governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff grandes investimentos foram direcionados ao setor da construção civil no país, que aqueceu enormemente o mercado imobiliário. O lançamento do Programa Minha Casa Minha Vida em 2009 objetivou aliar interesses de setores divergentes da sociedade (segmentos populares e empresariado) sobre o que chamam de problema habitacional via economia de mercado, dinamizando-a num contexto de crise internacional. Nesse plano, a produção e aquisição de unidades habitacionais em áreas urbanas e rurais alocou recursos públicos e incentivos fiscais para as famílias com rendas até 3, entre 3 e 6, e entre 6 e 10 salários-mínimos (MERCÊS, 2012).

Pesquisas realizadas em diferentes áreas de conhecimento abordam os impactos da execução do Programa Minha Casa Minha Vida no tecido urbano das cidades brasileiras, posto que o Estado deu protagonismo ao mercado privado de habitação. Os incentivos econômicos e normativos oferecidos, aliados ao problema da concentração de terras no país, promoveram o aumento dos lucros das empresas que, para tanto, recorrem à estocagem de glebas sem melhorias e mais baratas situadas nas bordas das cidades, intensificando a especulação imobiliária. Estudos realizados em diferentes regiões do país discutem as implicações desse programa governamental no aumento da desigualdade socioespacial, processo de periferização das cidades, violência e aumento de demanda por serviços e infraestrutura nos espaços periféricos (GOUVÊA, ÁVILA e RIBEIRO, 2009; CARDOSO, MELO e JAENISCH, 2015; SILVA e TOURINHO, 2015; MAGALHÃES 2007; LAGO, 2011; LOPES e PULHEZ, 2008).

Estive em Maracanã em 2017 antes de iniciar o doutorado. Na ocasião, me senti provocada a refletir sobre as expressões nostálgicas que ouvi de alguns moradores antigos de lá, que se reportavam “a vida no Maracanã de antigamente”, “a vida em Maracanã antes da chegada dos conjuntos”. Outros se queixaram: “an-

tes não tínhamos cercas ou muros em nossas casas”, “não sabíamos o que é violência, drogas e nem facção”, “não tínhamos que vigiar nossos juçarais para não roubarem a juçara²” ou, ainda, “podíamos pescar e tomar banho nos rios”.

Tanto quanto as reclamações de moradores locais, inquietaram-me formas diferentes de ocupação do espaço territorial, pois eram tão próximas em termos de localização geográfica, mas, ao mesmo tempo, pareceram-me mais distantes uma da outra nas relações de vizinhança e na morfologia das habitações, em sua padronização. Em Maracanã grande parte dos moradores vivem em sítios onde a existência de mais de uma casa dentro do mesmo lote ou em lotes próximos sugeriram naquele momento o crescimento do grupo familiar e uma vizinhança feita comumente por parentes consanguíneos, uma circulação mais rarefeita de pessoas nas ruas, além de uma área com vegetação nativa e fontes de água.

No Residencial Amendoeiras, por seu turno, observei um trânsito intenso de pessoas em ruas de muito asfalto e nenhuma árvore, entrando e saindo de ônibus e de pequenas mercearias, além de casas conjugadas com reduzidas áreas livres em comparação as observadas em Maracanã. São duas formas de morar? Tal estaria relacionado às diferenças socioambientais entre esses espaços? Essas questões foram também definidas pelas minhas vivências da infância, pois cresci num espaço mais parecido com o que vi em Maracanã, numa cidade do interior do estado.

No decurso do cumprimento das disciplinas do primeiro ano de doutorado e de posse de minhas percepções prévias, propus um projeto de pesquisa que tivesse um problema que permitisse cercar melhor o objeto, contribuindo etnograficamente para uma antropologia do habitar e da casa. Antes da conclusão da proposta de pesquisa estive novamente no bairro Maracanã, como eu me referia naquele momento, numa estadia de algumas semanas; dessa vez com o olhar mais compromissado.

Depois disso, essas primeiras impressões se objetificaram: de que forma as transformações socioambientais trazidas pela implantação de conjuntos habitacionais alteraram a sociabilidade em Maracanã e no modo local de experienciar o habitar? Dessa forma, me propus a etnografar essas transformações a partir de um único acontecimento visto por mim, na ocasião, como o lócus de uma mudança agressiva nas relações entre moradores, entre estes e o espaço habitado e no plano de suas práticas e saberes.

Após a conclusão dos créditos das disciplinas iniciei estadia mais prolongada no campo (um ano), conseguindo me hospedar na casa de uma família muito conhecida e estabelecida a longo tempo na comunidade Alegria. Tal oportunidade propiciou uma experiência pessoal com as pessoas da casa dos Ferraz, sua vizinhança e as relações que esse grupo familiar desenvolveu ao longo do tempo com outros grupos familiares de Maracanã e Vila Mochel. Para mais, pude vivenciar situações cotidianas de medo da violência crescente, as dificuldades de acesso a serviços públicos, acompanhar práticas religiosas, as crenças envolvidas e transformações no espaço habitado.

No período de minha chegada em 2019, um novo residencial foi entregue à população. Morada do Sol foi o último de outros empreendimentos habitacionais implementados entre 2010 e 2019: Vila Maranhão, Amendoeiras e Residencial

² É a designação nativa para açaí (*euterpe edulis*). A designação desse fruto no Maranhão associa-se a uma forma de manejo e consumo. Os moradores da região de Maracanã concebem açaí (*euterpe oleracea*) como sorvete e juçara como suco ao qual é acrescentado farinha de mandioca, peixes, camarões que são acompanhamentos. No Maranhão não é comum o consumo do sorvete de juçara.

Santo Antônio. Todos somam 6.092 unidades habitacionais³, que é a designação dada pelos órgãos de governo ligados às políticas públicas de habitação no país.

Importa pontuar que minha entrada e estadia local foi intermediada por um membro da família Ferraz que conheci num evento sobre a construção do Plano de Manejo da APA de Maracanã em 2018. Seguida a negociação de alguns meses, fui recebida por essa intermediadora e sua mãe em sua residência. Eu não tinha laços afetivos prévios com ninguém da família Ferraz, logo, minha presença causou certo estranhamento, inclusive os parentes de minhas anfitriãs interrogaram acerca da minha origem e questões pessoais, credo religioso e sobre minha família, bem como o tipo de pesquisa que eu pretendia realizar, e os motivos que a cercavam.

Passados alguns dias, fui me adaptando àquele espaço doméstico e a sua rotina ao passo que, meus anfitriões ainda estavam se acostumando a minha presença diária nas conversas, refeições e na limpeza. O contato foi se estreitando conforme eu participava das práticas religiosas na própria casa, nas casas de vizinhos, amigos e na igreja de São Sebastião. Isso foi determinante para estabelecer uma ponte para comunicação com outras pessoas da comunidade e das demais mencionadas e ouvir seus pontos de vista em relação a muitas questões e em variadas situações.

Classificações socioespaciais nativas

De início, identifiquei uma classificação socioespacial nativa que levou a desconstrução de Maracanã como o único bairro na área, algo que levantei na proposta de pesquisa, em outras palavras, antes da experiência mais prolongada no campo eu considerei os espaços que correspondem a Alegria, Vila Mochel e Quilômetro 21 como prolongamentos de Maracanã, que tem ocupação mais antiga. Os moradores fazem distinção entre esses espaços em situações cotidianas ao se reportarem a eles pelo nome, o contexto de sua emergência e demarcação de seus limites geográficos. Por exemplo, Vila Mochel e Quilômetro 21, segundo meus interlocutores, são ocupadas por pessoas com nítidos laços de parentesco com moradores de Alegria. Já “região” é usado vagamente quando não se quer mencionar uma comunidade específica no contexto nativo, associando-o a Maracanã. Desse modo, temos a “região de Maracanã”, que utilizo ao longo deste texto.

Desta maneira, muitas pessoas com laços semelhantes com famílias de Maracanã fundaram outras comunidades contíguas a ela⁴, consideradas, de forma geral, bairros num viés mais impessoal. No entanto, esses locais são heterogêneos em termos populacionais. Ao longo das últimas três décadas muitas pessoas migraram do interior do estado para São Luís em busca de emprego e melhoria de vida. Sem terem como arcar com os custos de moradias através do mercado formal, foram expandindo a ocupação irregular de terras no entorno de Maracanã e Alegria, terras onde moradores mais antigos que viviam da agricultura construíam suas roças.

“Bairro” e “comunidade” são significantes flutuantes, com sentidos em contexto. Percebi que o primeiro é generalizante, impreciso. O segundo em muitos casos é utilizado para expressar a ideia de espírito de cooperação coletiva quando

³ Na contagem não inclui os Residenciais Ribeira entregue em 2015 e o Luiz Bacelar entregue no ano de 2016 por uma questão de recorte e delimitação do campo de pesquisa, porém a referência a elas está presente em muitas entrevistas, o que torna imprescindível citá-las em alguma medida no futuro texto da tese.

⁴ Há, ainda, Vila Sarney, Vila Indústria, Vila Nova República e Bacanguinha os quais, por dificuldades práticas do campo não pude acompanhar, porém entrevistei um morador de Vila Sarney quando ainda estava delimitando um escopo geográfico e espacial para o estudo, o que contribuiu para identificação da configuração socioespacial da região.

os interlocutores se referem a caracterização do espaço onde vivem associado à determinadas práticas e saberes dos seus moradores constituídos historicamente, bem como às relações de vizinhança ali desenvolvidas. Frequentemente, ouvi que a “comunidade de Alegria se preocupa em manter viva a sua cultura”. Todas as vezes que perguntei a moradores o que seria cultura para eles, o sentido, geralmente, apontou para a ação de perpetuação de uma herança ancestral, que se manifesta de diferentes maneiras, como direi mais adiante.

A estrada de ferro que liga São Luís (MA) a Teresina (PI), fundada em 1921⁵ é o limite físico espacial entre Maracanã, Alegria, Vila Mochel e Quilômetro 21. Ademais, os moradores usam as expressões “o lado de lá”, “o lado de cá”, “lá em cima” e “lá embaixo” como demarcadores espaciais entre comunidades e intracomunidade. Os rios são usados na linguagem nativa como limites espaciais, porém mais como referência a sua localização do que a ideia de pertencimento privativo a alguém ou a alguma coisa, o que poderia sugerir à primeira vista o “Rio da Tábuca”, “Rio da Passagem” e Rio de Dona Joana”. Eles são os mais mencionados pelos moradores de Alegria. São Expressões de redução para o rio que passa pelo quintal de Dona Joana, o rio que tem tábuas para lavar roupa, o rio que oferece acesso à Vila Mochel e ao Quilômetro 21.

Apontei acima que as relações que desenvolvi com a Família Ferraz foram determinantes no processo de aproximação a muitos interlocutores e a suas experiências de vida tanto dentro de Alegria quanto fora dela (Vila Mochel e Quilômetro 21), pois a maioria das entrevistas que realizei foram com pessoas que têm algum grau de parentesco ou de afeto em relação a esse grupo familiar. Na maioria dos casos, fui bem recebida por causa dessa intermediação e em alguns não fui pela mesma causa. O insucesso das tentativas em conversar com moradores de residenciais se deve ao fato de não ter construído nas relações um fio condutor, não obstante muitos dos entrevistados terem parentes ou amigos morando nesses locais, a questão do silêncio foi, em parte, entrave pelo contexto social onde predomina a atuação de uma organização tida por criminosa pelos moradores auto-intitulada Bonde dos 40.

Por outro lado, tal se revelou um dado importante que me propiciou uma postura vigilante. O medo e o silêncio são vividos nas sutilezas das conversas nas comunidades acompanhadas seja no ponto de ônibus e no posto de saúde (os quais frequentei bastante), seja nos relatos breves de vizinhos acerca de furtos, assaltos e dependência química de seus parentes e conhecidos. Assim, foi acionando a questão do medo direta e indiretamente nas entrevistas e ouvindo sobre ele em situações triviais do cotidiano que cheguei a algumas noções que serão basilares para entender não somente as transformações socioculturais ao longo de gerações, mas ainda a cosmovisão e os arranjos sociais em voga nessas comunidades em face de acontecimentos que envolvem processos sociopolíticos em diferentes escalas, sendo o de implementação de conjuntos habitacionais do Minha Casa Minha apenas um deles, o de impacto mais rápido e recente.

A região de Maracanã é conhecida por suas festividades centenárias: Festas de Reis⁶, Reis Pobre, Batizado e Morte do Boi de Maracanã são algumas delas e o empenho em sua realização por parte de moradores, mesmo diante do crescimento da violência percebida por eles, chamou-me a atenção. Por que continuar realizando anualmente a Festa de Reis apesar dos riscos da violência? Perguntei

⁵ Estações Ferroviárias do Brasil/Araracanga. Disponível em: <https://www.estacoesferroviarias.com.br/ma-pi/araracanga.htm>. Acesso em 18 ago. 2010.

⁶ Celebração em memória da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus.

em meio aos comentários locais acerca da afluência dos moradores dos residenciais às festas locais e os receios suscitados nos moradores mais antigos. As respostas apontam para a ideia de uma continuidade das práticas iniciadas por seus antepassados e conhecidos, sendo aquela um ponto de ligação com esses entes queridos e seus “encantados”.

Nas conversas e entrevista noções como “tradição” e “obrigação” parecem costurar as relações entre pessoas, santos católicos e entidades. “Uma obrigação não poder ser interrompida porque é a tradição”, declarou certa vez uma senhora. Levando em conta as histórias de vida, a “obrigação” vai circulando entre pessoas e grupos familiares na proporção dos afetos e representações implicados e é interpretada conforme os esquemas religiosos em questão.

Se tais noções fazem parte ou definem uma cosmovisão, devem ser pensadas com cautela, o que por enquanto creio ser insuficiente tomando tão somente as anotações de diários de campo. Outros materiais precisam de classificação e análise, inclusive entrevistas. É possível dizer, contudo, que essas noções possuem nuances complexas envolvendo fé, devoção e diversão nem sempre discerníveis ou dissociadas se considerar apenas o discurso, sendo necessário observar o fluxo de interações dos atores em contexto.

Festas de reis: devoção e diversão em casa

*Nosso Reis da Sempre Viva
Chegou com muita Alegria
Saudando o Menino Deus
Filho da virgem Maria (...)*⁷

*Nossa oferta é singela
É dada de coração
Não é ouro, incenso ou mirra
Mas é fruto da união (...)*

Tomando as festas de Reis, para citar um exemplo, acontecem sempre na primeira semana de janeiro e estão a cargo de grupos familiares específicos. Para cada festa há uma ou mais pessoas que puxam a organização. O evento com ladinha em latim acontece, atualmente, em barracões⁸ dentro dos terrenos das famílias, mas nem sempre foi assim. Houve uma época em que todo o ritual aos Santos Reis era feito dentro das casas sem muros ou cercas. Em volta do presépio, “armado” na sala com murta e ariri, duas plantas frequentes na região e já bem escassas diante da degradação ambiental, se reuniam os “donos da festa”: A família responsável, os familiares ou responsáveis pelas crianças e adolescentes que, usando indumentária luxuosa assumem suas posições a frente do presépio caracterizados de rei e rainha. A eles se somam os vizinhos, amigos e desconhecidos que vêm de outras localidades.

Antes do rito, dar-se início a festa dançante com os ritmos musicais da época. Era comum orquestra ao vivo e as pessoas se reunirem no barracão para dançarem a noite toda. A orquestra é paga com dinheiro arrecadado na venda de bebidas alcoólicas. Os alimentos servidos (carne de boi, de porco e de frango) são preparadas na cozinha próxima ao barracão, por mulheres que estão ali pela devoção ou pagamento de promessas. Em dado momento, a festa dançante é interrompida

⁷ Música de autoria desconhecida. É entoada todos os anos na Festa de Reis da Sempre Viva em Alegria

⁸ Imóvel em formato retangular que pode ter ou não uma parede interna. Na região de Maracanã ele é anexo a casa do “dono da festa”. No barracão acontece o rito religioso da Festa de Reis.

para o rito da ladainha diante do presépio e após sua execução puxada pela reza-deira oficial da comunidade, são entoadas músicas católicas enquanto as “pastorinhas”⁹ dançam com o “rei” e “rainha”. Esse é, outrossim, o momento em que, de acordo com os “donos da festa” os “encantados” se manifestam nos médiuns presentes, ocorrendo o transe.

A festa dançante com muita bebida alcóolica e comidas típicas prossegue após a execução da ladainha. A partir daí as orações diante do presépio de quem vai chegando acontecem ao mesmo tempo que a festa dançante e as pessoas circulam pelos ambientes da casa livremente, inclusive o quintal. A morfologia espacial da festa e do rito foram mudando no decorrer de décadas. Primeiro o presépio foi retirado da casa do “dono da festa” e posto no barracão ao lado da casa. Posteriormente todas as dimensões da festa passaram a se concentrar nos quintais. Uma das famílias que celebra o reisado separou com muro o espaço entre a casa e o barracão, afastando assim, a festa e os seus transeuntes que ao longo do tempo (20 anos pelo menos, segundo alguns) foram se tornando gente desconhecida. Para mais, construíram outro muro, deixando o barracão oculto da visão daqueles que passam pela rua. Nas demais casas onde são celebrados os reisados as cercas é que marcam o limite.

O roteiro da festa descrito acontece em três casas de Alegria e Maracanã e com poucas diferenças de uma para outra. Ele também vem mudando de acordo com as necessidades, sentidos compartilhados sobre o espaço da casa e interesses das famílias envolvidas e igualmente do contexto social. Sobre este último ponto, Matilde Mendes relatou que

a cada dia as dificuldades para se realizar a festa se agravam. Na época dos meus pais e avós era mais fácil porque havia muita fartura, muita pesca. As pessoas daqui trabalhavam na roça e criavam muitas galinhas, porcos, bodes e produziam muita farinha de mandioca. Alguns tinham até gado, casa de forno. Quem se envolvia nos preparativos tinha muito a oferecer. Hoje é diferente. As coisas vão ficando mais caras e a agente acaba recebendo menos contribuição aos reisados. A diminuição das fontes de renda tem dificultado a realização da festa. Ela é mais difícil, mas não impossível. Procuramos cumprir a obrigação.¹⁰

Quem ocupa o posto de “dono da festa” de Reis tem grande dispêndio de dinheiro e energia. Em muitos casos, passa o ano inteiro pagando gastos com indumentária, alimentos e decoração. Apesar da condição social simples, “todos os gastos valem a pena pelo santo, pela obrigação. É divertido”. Cada ano famílias são convidadas pela família responsável a ceder seus filhos ao posto de rei e rainha. No período das festividades quem tem trabalho assalariado e quer participar do evento ou, ainda, estar diretamente envolvido nos preparativos não vai ao trabalho, preferindo repor as faltas, se puder. No entanto, a necessidade de afastamento do trabalho no período das festividades vem impactando a realização das festas. Grande parte dos moradores da região trabalham no comércio, na indústria e no funcionalismo público.

Matilde, mais conhecida como Nêga, tomou a “obrigação” para si depois da morte do pai por quem tinha grande afeição. Ela nasceu e cresceu em Alegria e viveu algum tempo no centro da cidade. Decidiu assumir a “obrigação” que foi de seu pai em decorrência do desejo dele, segundo ela, manifesto em um sonho. Os outros filhos e parentes não se opuseram e ela assumiu a festa e a casa onde tal acontece. Mantém uma vela acesa no pequeno altar onde é “armado” todos os anos o presépio de Natal com imagens de Maria, José, o menino Jesus e de anjos.

⁹ Grupo de mulheres trajadas com indumentária de cor vibrante que cantam e dançam em movimentos coreografados em volta do presépio juntamente com as crianças ou adolescentes caracterizados de rei e rainha.

¹⁰ Conversa registrada em diário de campo em janeiro de 2020.

Para Nêga, manter a luz junto do santo é uma questão da origem dela e a forma de manter viva a presença do pai. Ele não foi o primeiro a realizar a festa, que acontecia em outra casa e organizada por outra pessoa. Nêga não apontou os motivos que motivaram o pai a dar continuidade a essa prática.

Notei a existência de implicação entre casa e festa que tem suas variações. Nêga mora na casa que foi do pai, está à frente de seus preparativos, mas não pode dispor da casa como quiser. Não pode fazer grandes alterações nela e nem vender porque a casa é de todos os irmãos, “a casa é da família e ninguém pode vendê-la”, me disse certa vez sua irmã mais nova. Apesar da reportada senhora está à frente da festa, toda a família participa dos preparativos.

Só para abrir um breve parêntese, fora do contexto da Festa de Reis, em Maracanã ouvi de uma senhora que ela não pode vender a casa onde vive porque é uma casa de herdeiro, nem mesmo modificá-la sem a anuência dos demais. Ela é a única a morar na casa que foi da mãe, dado que é a única dos filhos sem imóvel próprio. Nos fins de semana, os irmãos e sobrinhos ali se concentram. Identifiquei que esse é um aspecto muito recorrente entre os entrevistados e pessoas de diferentes famílias com quem conversei, principalmente em Maracanã: a opção por manter uma casa que atrai para si o convívio entre parentes, perpetuando afeto e produzindo desafetos. Talvez isso tem muito a dizer sobre a casa como memória e produtora de memória de um grupo familiar para além de um espaço de encontro.

Na rua em que residi em Alegria, além de Nêga, outra senhora promove Festa de Reis. Joana Bernardes, que faleceu este ano aos 87 anos, passou a realizar a festa depois da morte de uma senhora que fora a primeira a realizá-la. As duas tinham fortes laços de afeto e nos últimos 10 anos os filhos de dona Joana tomaram para si a “obrigação” da festa por causa dos problemas de saúde da mãe.

A primeira casa de realização do evento foi herdada por dona Joana de sua antecessora, que não tinha parentes próximos. Já tendo uma casa na mesma rua, essa senhora deu a primeira casa onde acontecia a festa a uma de suas filhas também muito engajada nos preparativos. Com a morte de dona Joana outra pessoa da família deverá assumir o evento e a casa, segundo Rosa, sua filha.

Acrescento, em relação ao rito, que ele agrega elementos do espiritismo, catolicismo e religião de matriz afroindígena, tendo em mente a crença nativa na presença dos guias espirituais ou “encantados” no ambiente do presépio juntamente com seus antepassados, por sua vez, devotos dos Santos Reis e do menino Jesus.

Do medo conhecido ao medo da violência do desconhecido

*Quando está tudo animado
Vem o fiscal do salão
O Aristides Loucura
(...) Com uma corda na mão
Dizendo: rapaziada, brinquem direito e cuidado
O que faltar com respeito
Vai amanhecer amarrado¹¹*

No decurso de minhas interlocuções com donos de festas e com pessoas que apenas cresceram frequentando-as, questionei se não havia violência nas festas

¹¹ Música de autoria de Humberto de Maracanã.

da região antigamente. “Violência sempre teve, mas era assim: todos se conheciam. A festa era só parentes, conhecidos e quando se estranhavam brigavam de soco, mas tudo terminava ali”¹².

Então, ninguém nas festas locais era desconhecido para os demais em gerações anteriores a dos moradores com os quais conversei. Para eles, os conflitos que surgiam eram resolvidos rapidamente, pois as pessoas envolvidas nos preparativos desses eventos gozavam de grande prestígio, detinham autoridade perante os demais, seus parentes e conhecidos que não frequentavam o espaço das festas armados. A exigência de concórdia era uma norma imposta. A não observância por parte de qualquer dos presentes acarretava punições aplicadas pelos organizadores, como mostra o trecho de uma música de reisado local na introdução desta seção.

Nesse contexto, a ocorrência de conflitos abertos nas festas das redondezas sempre existiu e era um tipo de violência que não fugia ao controle dos “donos da festa”, que o tinham na medida em que os participantes estavam incluídos em suas relações familiares, de proximidade, de vizinhança e de trabalho e havia, pelo que pude notar, um sentido de autoridade por parte dos frequentadores sobre a posição das pessoas diretamente designadas para aplicar punições em determinadas situações. Até então, não havia a vigilância policial ou seguranças contratados para tal fim como ocorre hoje.

Meios de comunicação de massa veiculam diariamente cenas de violência nas mais diversas situações, incutindo estereótipos e expectativas negativas sobre as ações que as pessoas podem e não podem esperar umas das outras tanto em espaços privados quanto coletivos. Não quero negar com isso a existência da violência urbana diária nas suas mais diferentes facetas. O que quero dizer, a partir da minha experiência de campo é que, talvez o medo da violência incessantemente estimulado pelos mais variados meios tem contribuído nos últimos tempos aos sentimentos de estranheza e receios entre as pessoas principalmente nos espaços citadinos, tornando-as desconhecidas, imprevisíveis umas para as outras, pondo fronteiras entre elas e entre regiões da cidade. Tudo aliado aos processos de reestruturação urbana.

O leitor e eu sabemos do estereótipo afirmado diariamente no que diz respeito aos bairros e regiões consideradas periféricas, sendo os residenciais para a população de baixa renda vistos como redutos de violência e criminalidade. Agora todos estão conectados uns com os outros virtualmente, mas separados pelos muros, pelo medo.

Ao longo do 1 ano de minha estadia à Rua Menino Jesus, que se localiza a menos de 500 metros do Residencial Santo Antônio, vi mudanças na paisagem acontecerem rapidamente: vários muros sendo construídos em voltas das casas no bojo de relatos de roubos¹³. Com vários sítios deixados à revelia pelos descendentes de antigos moradores e disponíveis à especulação do mercado imobiliário depois da morte dos proprietários tornou a via escassa em relação à circulação de pessoas, seja a pé, de bicicleta ou de veículos automotores, o que infunde em quem passa por ali uma sensação de insegurança.

Eu experimentei essa sensação, uma vez que quase sempre caminhava sozinha alguma distância até o ponto de ônibus ou quando tinha que visitar alguém dentro da comunidade. Caminhar sozinha à noite por uma rua com pouca iluminação, repleta de juçaraís onde os únicos ruídos eram o som do vento nas folhas

¹² Conversa com moradora de Maracanã transcrita em diário de campo em outubro de 2019.

¹³ Durante o tempo de minha permanência registrei 7.

das árvores e do movimento das águas poluídas do Rio da Passagem¹⁴ que passam em meio a vegetação, foi assustador, uma sensação muito impelida igualmente pelos relatos que eu ouvia no dia a dia.

Em diferentes situações moradores de Alegria, Maracanã e Quilômetro 21 me contaram que houve um tempo em que as pessoas sentiam medo sim, mas das aparições, dos espíritos que circulando pelas redondezas em determinados horários causavam assombro e reações físicas: febre e calafrios nos transeuntes descuidados. “Agora sentimos medo das pessoas e não das aparições”, declara Lucas, um rapaz de 25 anos de idade. Na ocasião, lhe perguntei qual a diferença entre os riscos de se encontrar um espírito por aí e o de se deparar com um assaltante. “Da mãe d’água, do Surrupira e do Gritador sabemos o que esperar, sabemos quem são, quando aparecem e não provocam riscos de morte, ao contrário do bandido que é de carne e osso e tem conduta imprevisível, é um desconhecido”.

Os seres do plano fantástico ou místico foram e ainda são os outros dos moradores, porém conhecidos apesar do medo que causam. Antes de atravessarem o rio os transeuntes pedem: “licença, vovozinha que vamos passar”¹⁵. Eles compõem historicamente com os moradores e o espaço habitado um tipo de sociabilidade não violenta na comparação com as relações entre meus interlocutores e os novos outros, os vizinhos desconhecidos, envolvendo um tipo outro de expectativa. As relações políticas com o plano místico, em termos de negociação de regras de conduta, insinuam um tipo de política do cotidiano diferente da que é tecida com traficantes nos últimos 10 anos para solucionar casos de roubos e assaltos em Alegria e região, como diz outro de meus interlocutores.

*Aqui já foi bem pior. Assim que essas casas e apartamentos vieram para cá aconteciam assaltos à mão armada toda semana. Pessoas morreram em suas casas. Outras foram assassinadas por membros de facções que moram nos conjuntos. Deixamos de andar nas ruas, mas eles mesmos impuseram uma lei. Quando algo é roubado aqui vamos lá conversar e eles resolvem para ninguém envolver a polícia. Até que as coisas acalmaram por aqui.*¹⁶

“Tradição”, “obrigação” e “casa”: considerações e indagações

Falei no início deste ensaio minhas pretensões analíticas quanto ao campo de pesquisa, isto é, etnografar a dinâmica do habitar em Maracanã, Alegria, Vila Mochel e Quilômetro 21. A proposta pré-campo dava peso ao elemento socioambiental dessa dinâmica, o que me levou a adentrar o campo de pesquisa com uma visão ecologista, imaginando que meus “nativos” a tivessem tal qual a minha, fazendo com que eu tomasse a questão ambiental trazida pelos empreendimentos habitacionais como o fio basilar de reflexão, o determinante para mudança de seu modo de vida.

Na verdade, as experiências que vivi com os moradores, os laços que teci e as conversas que tive com pessoas de diferentes gerações apontam para a combinação de processos mais amplos em curso na sociedade ligados à reprodução do capital, expansão do trabalho assalariado associados com os de menor escala nas transformações socioculturais na região de Maracanã. Pontuo, todavia, que os moradores das comunidades não foram e nem são atores passivos em meio a es-

¹⁴ O rio que separa a rua Menino Jesus do Quilômetro 21. Eu, necessariamente, tinha que atravessar o rio se desejasse ir para um ponto de ônibus com mais opções de veículos coletivos.

¹⁵ Trecho de conversa com morador do quilômetro 21 registrada em diário de campo em novembro de 2019.

¹⁶ Trecho de conversa com moradora da Vila Mochel registrada em diário de campo em novembro de 2019.

ses processos. Em movimentos de recuo e reação política a diferentes acontecimentos, foram dando prosseguindo as suas práticas e ao mesmo tempo reescrevendo-as, negociando-as para comportar uma cosmovisão que também vem se transformando. Com isso almejo chegar ao sentido de “tradição”, indagando em que medida é possível torná-la no estudo em curso uma categoria de suma importância e abordando sua complexidade. Sei que, para os moradores com os quais convivi, ela muda sempre que é necessária para continuar.

O contexto rural, com uma vida mais voltada à produção agrícola de subsistência teve e tem seus valores, suas crenças e concepções sempre em movimento e a sociedade ludovicence atual, como as demais do mundo dito moderno tem sua orientação de mundo. Tomando o meu campo, sugiro que essas cosmovisões ou orientações não estão fechadas uma para a outra, não obstante exista tensão e resistência. Esta, pode estar se manifestando na região de Maracanã com as festas que, mesmo não acontecendo da mesma forma como antigamente, nem o medo é o mesmo de outrora, continuam se associando para meus interlocutores à “tradição”.

As possíveis correlações de noções como “obrigação” e “tradição” certamente conduzirão a uma definição nativa de “casa”. Na minha perspectiva, o percurso tem potencial etnográfico importante à compreensão de outras formas de conceber e experienciar o espaço territorial de interesse para uma antropologia do habitar.

Recebido em 4 de outubro de 2020.

Aceito em 12 de dezembro de 2020.

Referências

ARAÚJO, Marcelo de Sousa. *Identidade em Movimento: um estudo sobre a comunidade Maracanã*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – PGCULT/UFMA, 2012.

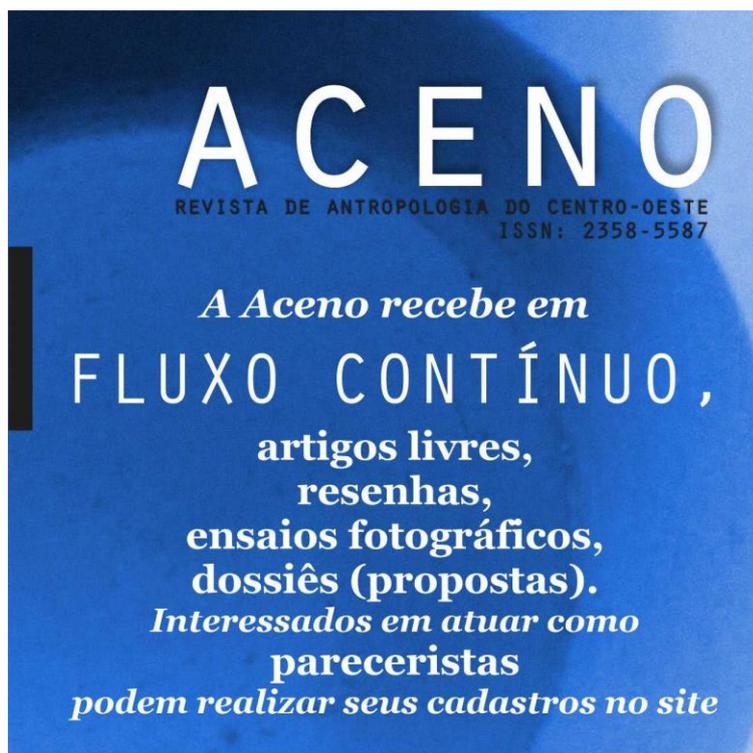
CARDOSO, Adauto Lúcio; MELLO, Irene de Queiroz; JAENISH, Samuel Thomas. “A Implementação do Programa Minha Casa Minha Vida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro”. In: AMORE, Caio Santo; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFFINO, Maria Beatriz Cruz (orgs.). *Minha Casa...e a Cidade? Avaliação do Programa Minha Casa Minha Vida em Seis Estados Brasileiros*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

GOUVÊA, D. C.; ÁVILA, P. C.; RIBEIRO, S. B. A regularização fundiária urbana na Amazônia legal. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 11 (2), 2009.

LAGO, Luciana Corrêa do. Autogestão da Moradia na superação da periferia urbana: conflitos e avanços. *Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais (e-metropolis)*, 2 (5), 2011.

LOPES, João Marcos de Almeida; PULHEZ, Magaly Marques. De molde a contramolde: (re)construindo questões sobre a urbanização de favelas. *Cadernos IPPUR*, 22 (2): 67-88, 2008.

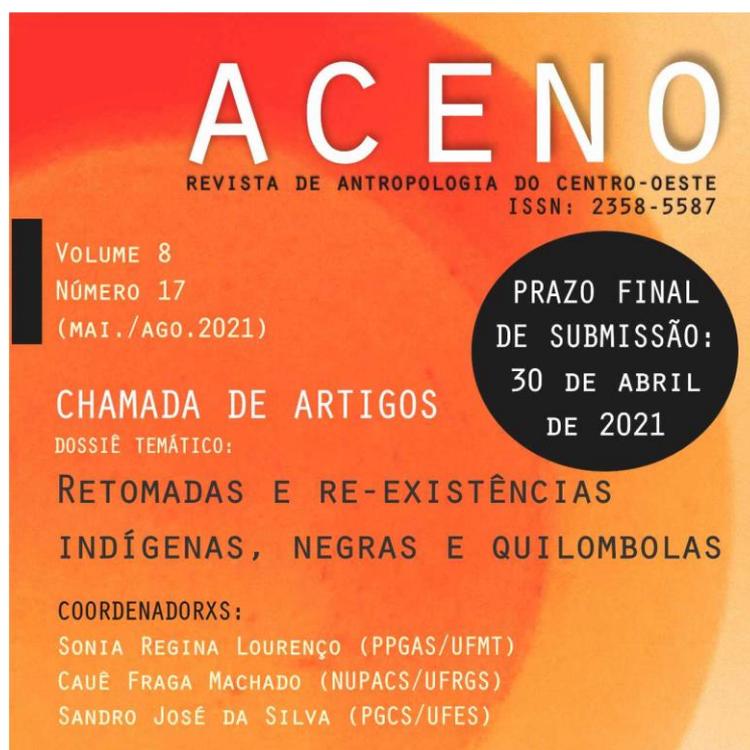
MERCÊS, Simaia do Socorro Sales das. Percursos do direito à cidade: provisão estatal e empresarial de moradia popular na RM de Belém. *Cadernos Metrópole*, 14 (28): 553-577, 2012.



ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site



ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

VOLUME 8
NÚMERO 17
(MAI./AGO.2021)

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
RETOMADAS E RE-EXISTÊNCIAS
INDÍGENAS, NEGRAS E QUILOMBOLAS

COORDENADORXS:
SONIA REGINA LOURENÇO (PPGAS/UFMT)
CAUÊ FRAGA MACHADO (NUPACS/UFRGS)
SANDRO JOSÉ DA SILVA (PGCS/UFES)

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE ABRIL
DE 2021